

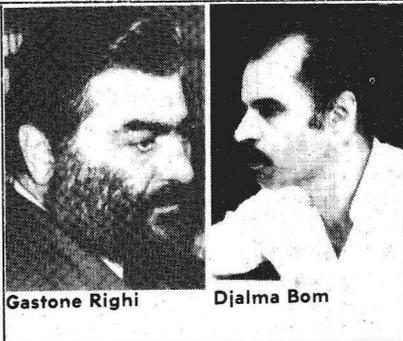
ONDE FALHA O CONGRESSO

A assessoria técnica não funciona, os deputados erram no voto de liderança. Pior para o País.

A assessoria técnica da Câmara não tem qualquer compromisso político ou com a linha programática dos partidos, limitando-se, na maioria das vezes, aos aspectos técnicos das proposições que lhe são solicitados pelos deputados. Por essa razão, nem sempre atendem às necessidades das lideranças partidárias e não se preocupam em avaliar o alcance político das iniciativas que preparam a seu pedido. Talvez por isso, os líderes e as assessorias das lideranças e técnica da Câmara tenham deixado passar despercebido projeto do deputado Oly Fachin (PDS-RS) beneficiando Ronald Levinsohn e numerosos dirigentes de sociedades de crédito e poupança envolvidos em escândalos financeiros no governo anterior.

Faltariam ainda aos integrantes da assessoria técnica qualificações para desenvolver projetos em alguns setores, sobretudo na área econômica, o que só muito reservadamente é admitido por alguns parlamentares, preocupados em não se atritar com os assessores. O caso de Ronald Levinsohn não foi o único, pois as lideranças e suas assessorias também cometeram engano em relação ao projeto injetando recursos para sanear as finanças do grupo Sulbrasileiro, o que pode custar ao BNH, em apenas 12 meses, cerca de Cr\$ 6 trilhões.

Os líderes procuram desculpar-se pelos dois equívocos afirmando, no primeiro caso, que enganos dessa natureza podem acontecer em relação a projetos aprovados pelo voto simbólico de liderança, raramente examinado pelos líderes. O líder do PDT na Câmara, Nadir Rossetti, acha que situações como essa poderiam ser evitadas se os líderes recusassem apoio a



Gastone Righi

Djalma Bom

iniciativas de outros parlamentares movidos apenas pelo espírito de companheirismo. Ele revela que durante a reunião semanal os líderes costumam trocar assinaturas nos projetos de seus interesses.

Sem confiança

Como a maioria dos líderes, Nadir Rossetti praticamente não recorre aos serviços da Assessoria da Câmara, afirmando que a sua falta de compromisso com os programas dos partidos faz com que as proposições que prepara a seu pedido seja, em muitos casos, inadequadas do ponto de vista político. Diante disso, o deputado gaúcho é favorável à criação de assessorias partidárias capazes de atender às suas reivindicações. Ele admite não usar a assessoria técnica da Câmara por "não confiar politicamente nela".

Já o líder do PTB, Gastone Righi, acrescenta que a assessoria da Câmara não está voltada para analisar os projetos, o que considera "defeito estrutural" dessa atividade. Ele lembra que os técnicos legislativos não servem às lideranças nem aos partidos, mas sim à assessoria que presta serviços aos parlamentares em geral. O deputado paulista acha que os técnicos

legislativos deveriam ser lotados na assessoria técnica de modo a melhorar o nível dos seus servidores.

Embora tenha evitado criticar os assessores, afirmando ser possível confiar politicamente neles, assim como se confia nos advogados sem outra ligação com os clientes que o contrato de trabalho, o líder do PTB admite não utilizar a assessoria técnica da Câmara, o que fazia apenas na condição de simples deputado, mas não no exercício da liderança. Acabou concordando que esse tipo de serviço prestado pela Câmara é inócuo do ponto de vista das lideranças, pela falta de entrosamento e de identidade política com as suas legendas.

O líder do PT na Câmara, deputado Djalma Bom, defende uma completa revisão nos quadros da assessoria técnica, lembrando as mudanças políticas que se processaram no País e que não teriam sido acompanhadas por seus funcionários. Para o deputado petista, os assessores "estão politicamente defasados no tempo e no espaço", e por isso não usa os seus serviços. "O PT tem uma proposta ideológica, enquanto a assessoria emite pareceres e elabora propostas meramente técnicas", insiste o líder do PT, frisando que procura corrigir tais falhas recorrendo a especialistas ligados ao seu partido.

Como Nadir Rossetti, o deputado Djalma Bom admite que o caso do projeto beneficiando Levinsohn foi culpa da pressa no seu exame, pois a sua rápida tramitação não permitiu o exame aprofundado da matéria, nem pelos líderes nem por suas assessorias. Djalma Bom também defende a criação de assessorias individuais para cada partido.

Erro geral

No caso do Sulbrasileiro, contudo, nem a Câmara nem o Senado se deram conta de que o projeto já transformado em lei previa apenas restituição à União, com correção monetária, dos recursos colocados no grupo estatizado pelo Banco Central do Brasil, e que nada estabelecia com relação às verbas já destinadas pelo BNH, às três entidades de crédito imobiliário do conglomerado Sulbrasileiro-Habitat.

"Tal omissão", observa o presidente Sarney, "causará ao BNH prejuízos superior a Cr\$ 6 trilhões apenas no primeiro ano de funcionamento do novo banco, o Meridional". A assessoria do presidente da República foi alertada pelo BNH sobre o problema, mas nem o BNH alertou o Senado nem os 150 assessores especializados e bem remunerados dos senadores, cujos salários ultrapassam Cr\$ 8 milhões, se deram conta da falha contida no projeto elaborado na Câmara pelo deputado Irajá Rodrigues.

Se, de um lado, os deputados e senadores não acionaram devidamente a assessoria de que dispõem, de outro o Poder Executivo não forneceu ao Congresso os dados e informações necessários ao exame do projeto e que foram solicitados pelos parlamentares. Nos dois episódios ficou patente que o Legislativo, na pressa de aprovar projetos, acabou votando normas e regulamentos cujo alcance desconhece. Como observa um experiente assessor da Câmara, esses casos indicam que o Legislativo ainda não está aparelhado devidamente para exercer com responsabilidade as atribuições e prerrogativas que luta por restabelecer.

Silvia Caetano